



Análise Pragmática de Textos Orais e Escritos: O Caso das Letras da Legião Urbana¹

Daniela POLLA²

Elias José MENGARDA³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Centro de Educação Superior Norte do RS – Cesnors

RESUMO

Neste artigo analisamos as letras de músicas da banda Legião Urbana na perspectiva da Pragmática da Comunicação. Os componentes pragmáticos colocados em questão neste trabalho são os pressupostos e subentendidos. Entende-se que a Pragmática estuda o que está além do literal e constitui-se nos implícitos, na forma de enunciação, nos subentendidos, nas ironias e na constante apropriação que os indivíduos fazem da linguagem no contexto em que estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise; Implícitos; Pragmática.

1 Introdução

O presente trabalho visa analisar aspectos referentes ao estudo pragmático da língua(gem) efetivamente realizada. Partindo de uma breve contextualização para a conceituação da Pragmática, enfatizamos que neste campo de estudo são analisados vários temas e conceitos, tais como as dimensões ilocutiva e perlocutiva da linguagem, as máximas conversacionais, a dimensão implícita da linguagem, as implicaturas, os planos de enunciação, história e discurso, os operadores argumentativos, os marcadores de pressuposição e a polifonia.

Após o desenvolvimento do referencial teórico passamos à análise pragmática de trechos de algumas letras da Legião Urbana. A análise se dará por meio da verificação do uso de pressupostos e subentendidos.

¹ Trabalho submetido ao GT Teorias da Comunicação ao IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica do quarto semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo do Centro de Educação Superior Norte do RS – CESNORS/ UFSM.

³ Professor do Departamento de Comunicação: Habilitação em Jornalismo. Orientador do trabalho.



2 Perspectiva Pragmática

A seguir, serão desenvolvidos os principais tópicos da pragmática, enfatizando os estudos de Austin e Grice.

2.1 A Pragmática

No sistema lingüístico, muitas vezes, observamos construções que violam as normas fônicas, semânticas ou até mesmo léxicas. Assim, se nos detivermos apenas na análise semântica ou gramatical do enunciado pode tornar-se difícil sua compreensão. Diante disso, verificamos que para dar conta do conteúdo global da comunicação é preciso analisá-lo sob o ponto de vista da Pragmática, pois esta ciência trata do uso efetivo da linguagem.

Segundo a definição de Morris (1938, apud MARCONDES, 2000), a Pragmática é a ciência que estuda “a relação dos signos com seus intérpretes”. Assim, a língua não ocupa lugar central nos estudos pragmáticos, pois estes não a vêem isolada da utilização da linguagem.

Isso ocorre porque os sujeitos do ato conversacional afetam o significado do que é enunciado dependendo do lugar social em que se encontram o locutor e interlocutor. Ou seja, a compreensão plena do que efetivamente o locutor quis dizer só é atingida quando se levam em conta as adaptações feitas por ele de expressões simbólicas realizadas de acordo com os contextos referencial, situacional, de ação e interpessoal.

O ponto de partida para se chegar aos estudos pragmáticos deu-se particularmente com John Austin e Paul Grice em seus estudos filosóficos da linguagem. Para Austin (apud FIORIN, 2006), a linguagem tem a função de agir, de realizar atos por meio da fala. Por exemplo, quando alguém diz: *Eu te perdôo*, pelo simples fato de enunciar esta frase já está realizando a ação de perdoar. Já para Grice (apud FIORIN, 2006) a linguagem natural comunica mais do que aquilo que um enunciado significa, pois quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos, que são compreendidos de acordo com o contexto em que se dá a comunicação. Por exemplo, quando, antes do início da aula, um dos alunos diz: *Já são oito e meia*, não quer simplesmente comunicar que horas são, mas sim dizer que está na hora de começar a aula.



2.2 Teoria dos Atos da Fala

A Teoria dos Atos da fala surgiu nos estudos filosóficos da linguagem e foi, posteriormente, apropriada pela Pragmática. Filósofos como o pioneiro, John Austin, seguido por Searle, Strawson e outros, passaram a entender a linguagem como forma de ação e refletir sobre as diversas ações humanas que se realizam por meio da fala.

Austin (apud KOCH, 2006) estabelece a distinção entre três tipos de atos:

a) Ato Locucionário: consiste na emissão de um conjunto de sons dotada de sentido em uma determinada língua. Para Searle, é composto de um ato de referência de um ato de predicação.

b) Ato Ilocucionário: vincula a este conjunto uma *força*, que pode ser de pergunta, afirmação, pedido, ordem, promessa, etc. Para Searle, esta força pode ser explícita ou implícita. O ato ilocucionário pelo simples fato de ser enunciado realiza a ação que nomeia.

c) Ato Perlocucionário: este ato sai do contexto propriamente lingüístico e é destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc. Efeitos que podem realizar-se ou não.

Cabe aqui ressaltar que todo ato de fala é, ao mesmo tempo, ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário, caso contrário, não seria um ato de fala. Todo enunciado lingüístico proferido é dotado de certa força que irá produzir no interlocutor determinados efeitos, mesmo que distintos dos esperados pelo locutor.

2.3 As Máximas Conversacionais de Grice

Para Grice (apud GOLDNADEL, 2007) durante uma troca conversacional os interlocutores realizam um esforço constante de cooperação, o que os leva a considerar relevantes todas as contribuições feitas pelos outros falantes e que faz com que os interlocutores cooperem para que a interação transcorra de maneira adequada. O Princípio da Cooperação para Grice (apud KOCH, 2006) é o princípio básico que rege toda comunicação humana.



Para melhorar os seus mecanismos de interpretação Grice formulou algumas máximas:

a) Máxima da Qualidade: tente fazer sua contribuição verdadeira. Só diga coisas para as quais tenha evidências adequadas e não diga o que sabe não ser verdadeiro.

b) Máxima da Quantidade: faça a sua fala ser tão informativa quanto é necessário para a troca de informação. Não diga mais nem menos do que realmente é necessário.

c) Máxima da Relação: Seja relevante. Diga apenas o que é relevante para a interação.

d) Máxima da Maneira: Seja claro. Evite obscuridades ou ambigüidades.

Essas Máximas podem entrar em conflito ou termos a predominância de uma delas, ocorre assim uma implicatura conversacional.

2.4 Implicaturas Conversacionais

Cada uma das Máximas Griceanas pode ser respeitada ou violada ou as máximas podem entrar em conflito entre si. Este fato segundo Goldnadel é “responsável por inúmeros efeitos de sentido no proferimento de enunciados em linguagem verbal”. Esses efeitos de sentido são denominados implicaturas conversacionais.

Certos enunciados comunicam muito mais do que os elementos que os compõe. Assim, as implicaturas que se extraem dos enunciados depois de se constatar que seu sentido literal não é de todo relevante para a situação, pois explicitam o acordo mútuo existente entre os participantes de uma conversação. Com isso o entendimento pleno das implicaturas depende em grande parte do conhecimento da situação, compartilhado pelo falante e pelo ouvinte.

Por exemplo, quando alguém pergunta: *Você tem horas?* Implica que a pessoa quer saber que horas são e não apenas se a pessoa indagada tem ou não um relógio.



2.5 Planos de Enunciação

O precursor das Teorias da Enunciação foi o pensador russo Bakhtin, mas a teoria ganhou força com o lingüista francês Émile Benveniste. Ele se propôs a analisar o “aparelho formal da língua”. Para isso tomou como base os sistemas verbal e pronominal.

Quanto ao sistema verbal Benveniste (apud KOCH, 2006) estabelece dois planos de enunciação:

a) Plano de Discurso: “é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira” (KOCH; I., 2006). Os tempos verbais característicos do plano de discurso são o presente, pretérito perfeito composto, pretérito imperfeito e mais-que-perfeito e futuro do presente.

b) Plano da História: tem-se um relato de eventos passados e a ausência de envolvimento do locutor. “É como se os fatos se narrassem a si mesmos” (KOCH, 2006). Os tempos verbais que caracterizam o plano da história são o pretérito perfeito simples, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do pretérito do indicativo.

2.6 Operadores Argumentativos

O termo *operador argumentativo* foi criado por O. Ducrot para designar certos elementos gramaticais que indicam a força argumentativa dos enunciados. Para explicar seu funcionamento Ducrot estabelece dois conceitos básicos: classe argumentativa e escala argumentativa.

a) Classe Argumentativa: é um conjunto de enunciados que contribuem igualmente de argumento para uma mesma conclusão.

b) Escala Argumentativa: é quando dois ou mais enunciados se encontram em gradação de força no sentido de uma mesma conclusão.

Para Koch (2006) os principais operadores argumentativos são:



a) Operadores que assinalam o argumento mais forte: *até, mesmo, até mesmo, inclusive, etc.*

b) Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: *e, também, ainda, nem, etc.*

c) Operadores que introduzem uma conclusão relativa a enunciados anteriores: *portanto, logo, pois, conseqüentemente, etc.*

d) Operadores que introduzem argumentos que levam a conclusões diferentes ou opostas: *ou, ou então, quer...quer, seja...seja, etc.*

e) Operadores que estabelecem relação de comparação entre elementos: *mais que, menos que, tão... como, etc.*

f) Operadores que introduzem justificativas ou explicações relativas ao enunciado anterior: *porque, que, já que, pois, etc.*

g) Operadores que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas, embora, etc.*

g) Operadores que introduzem conteúdos pressupostos no enunciado: *já, ainda, agora, etc.*

h) Operadores que se distribuem em escalas opostas: *u funciona na escala da afirmação total e outro na escala da negação total.*

2.7 Marcadores de Pressuposição

Pressuposição é o conteúdo que fica à margem da discussão, está implícito no enunciado. Por exemplo: “Paulo parou de beber” veicula a pressuposição de que Paulo bebia antes. As marcas que introduzem pressupostos são denominadas marcadores de pressuposição. Aqui a pressuposição é marcada lingüisticamente pela presença do verbo *parou de*.



Koch (2006) cita alguns marcadores de pressuposição tais como:

a) “Verbos que indicam mudança ou permanência de estado, como *ficar, começar a, passar a, deixar de, continuar, permanecer, tornar-se, etc*”.

b) “Verbos denominados ‘factivos’, isto é, que são complementados pela enunciação de um fato(fato que, no caso, não é pressuposto): de modo geral, são verbos de estado psicológico, como *lamentar, lastimar, sentir, saber, etc*.”

c) “Certos conectores circunstanciais, especialmente quando a oração por eles introduzida vem anteposta: *desde que, antes que, depois que, visto que, etc*”.

2.8 Índices de Polifonia

Koch (2006) entende por polifonia o fenômeno pelo qual em um mesmo texto se fazem ouvir “vozes” diversas que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes, com os quais o locutor concorda ou não. Para a autora existem marcas lingüísticas que indicam a presença dessas vozes. Entre elas pode-se citar:

a) Determinados operadores argumentativos: ao contrário, pelo contrário, mas, embora.

b) Os marcadores de pressuposição.

c) O uso de aspas.

3 Pressupostos e subentendidos nas letras da Legião Urbana

A questão das implicaturas, que já foi estudada de inúmeras maneiras pelos teóricos da Pragmática, tenta explicar os conteúdos implícitos. Inspirada em Ducrot, Orecchioni (apud FIORIN, 2006) diz que os conteúdos transmitidos pelos atos da fala podem aparecer de forma explícita ou implícita. A autora denomina-os inferências e os divide em pressupostos e subentendidos.

3.1 Pressupostos

De acordo com Orecchioni (apud FIORIN, 2006),



“o pressuposto é a informação que não é abertamente posta, isto é, não constitui o verdadeiro objeto da mensagem, mas que é desencadeada pela formulação do enunciado, no qual ela se encontra intrinsecamente inscrita, independentemente da situação de comunicação.”(ORECCHIONI, apud FIORIN, 2006, p. 181).

Os conteúdos explícitos são construídos sobre os marcadores de pressuposição. Assim, o que é dito explicitamente pode ser questionado, ao contrário do pressuposto que deve ser verdadeiro ou, ao menos, tomado como tal. Logo, um conteúdo explícito não fará o menor sentido se o pressuposto for falso.

O pressuposto é um recurso argumentativo. Isso porque, ao introduzir no discurso um conteúdo pressuposto o interlocutor torna-se cúmplice de um ponto de vista, pois o pressuposto não é posto em discussão, mas apresentado como uma verdade inquestionável. Segundo Fiorin (2006), “a pressuposição aprisiona o leitor ou o ouvinte numa lógica criada pelo produtor do texto, porque, enquanto o posto é proposto como verdadeiro, o pressuposto é, de certa forma, imposto como verdadeiro. Ele é apresentado como algo evidente, indiscutível”.

Assim, a negação de um conteúdo pressuposto impede o prosseguimento de qualquer diálogo. Apenas a aceitação do pressuposto permite a seqüência da interação. Sendo assim, segundo Fiorin (2006, p. 183) “não tem sentido ou não é possível uma discussão em que cada interlocutor se funda em pressuposto distintos”. Ainda de acordo com este autor os principais marcadores de pressuposição, como mencionado anteriormente, são:

- a) Os adjetivos ou similares;
- b) Verbos que indicam alternância ou permanência de estado;
- c) Verbos que revelam opiniões sobre o complemento da frase;
- d) Alguns advérbios;
- e) Orações adjetivas;
- f) Algumas conjunções.



3.2 Análise das pressuposições nas letras da Legião Urbana

Exemplo 01:

A música Angra dos Reis diz:

Se fosse só sentir saudade.

A presença do advérbio “só” acompanhado da oração “Se fosse”, traz o conteúdo pressuposto de que existe algo mais do que saudade, ou seja, os sentimentos, as paixões e sofrimentos do autor.

Exemplo 02:

A música Faroeste Caboclo diz:

*- Meu Deus, mas que cidade linda,
No Ano-Novo eu começo a trabalhar.*

A conjunção “mas” liga dois segmentos que não indicam oposição entre si, mas exclamação de júbilo e de alegria como que observando que a cidade se revela a ele em toda sua beleza.

A oração “*eu começo a trabalhar*” é o posto e o conteúdo pressuposto é que o Caboclo não trabalhava antes do ano novo. Entende-se por pressuposto a informação indiscutível tanto para o falante como para o interlocutor (ouvinte). Aqui, neste contexto, não se trata apenas de uma conjectura, mas de uma tomada de decisão quanto à ação de iniciar a trabalhar.

Exemplo 03:

A música Comédia Romântica diz:

*Acho que só agora eu começo a ver
Que tudo que você me disse
É o que você gostaria que tivessem dito pra você.*



O enunciado “só agora eu começo a ver” é iniciado pelo advérbio “só agora” pressupõe que ele não via antes e que neste momento ele passa a ver, ou seja, a compreender os sentimentos compartilhados entre locutor e interlocutor.

Exemplo 04:

A música Love in the afternoon diz:

*“Só que você foi embora cedo demais
Eu continuo aqui, meu trabalho e meus amigos”.*

No enunciado “eu continuo aqui” é o conteúdo posto e o conteúdo pressuposto é que o sujeito já estava no mesmo lugar antes. Os enunciados acima revelam que também neles o falante realiza um ato ilocutivo, ou seja, um ato de afirmação, igual àquele em que a pessoa jura, adverte, ordena ou aconselha.

3.3 Subentendidos

Os subentendidos são informações veiculadas por um enunciado e sua atualização depende da situação/contexto em que se dá a interlocução.

A diferença entre subentendidos e pressupostos é que o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, enquanto o pressuposto é dado pelo locutor como uma informação indiscutível ou apresentada como tal, tanto para o locutor quanto para o interlocutor, pois decorre necessariamente de um marcador lingüístico. Segundo Fiorin (2006) “o pressuposto pode ser contestado, mas é formulado para não o ser. Já o subentendido é construído, para que o falante, caso seja interpelado, possa, apegando-se ao sentido literal das palavras, negar que tenha dito o que efetivamente quis dizer.”

Assim, o subentendido constitui-se em um meio de proteção para o falante. Isso porque por meio desta forma de construção textual o locutor pode dizer o que quer sem comprometer-se plenamente. “Com os subentendidos, diz-se sem dizer, sugere-se, mas não se diz.” (FIORIN, 2006, p. 184).

Fiorin (2006, p. 184) destaca dois tipos de subentendidos: a alusão e a ironia. Para ele, a alusão pode ser de conteúdo licencioso, com conotação sexual; um subentendido que se refere a fatos conhecidos pelos sujeitos da interlocução ou a



remissão a algum conteúdo de outro texto ou discurso. Ainda para Fiorin, a ironia é um subentendido de caráter maldoso; segundo o autor, o texto não diz, mas insinua.

3.4 Subentendidos nas letras da Legião Urbana

Exemplo 01:

O refrão da música *Que País é Esse* faz uma interrogação repetindo o título da canção. Do ponto de vista estritamente lingüístico o autor estaria apenas perguntando em que país está. Mas, ao analisar-se o contexto social do país na época em que a letra foi composta e o restante da canção percebe-se que o que, efetivamente, o autor quis dizer foi que o Brasil é um país em que há muita “sujeira” e falta de muitas coisas essenciais.

Exemplo 02:

Na música Geração Coca-cola, há um trecho que diz:

*Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação.*

No trecho em que o autor diz: “somos o futuro da nação”, o autor faz alusão à frase da sabedoria popular de que as crianças e os jovens são o futuro da nação, subentendendo, assim, que o público alvo de sua música são pessoas jovens que construirão o futuro do país.

Exemplo 03:

A música A canção do senhor da guerra diz:

*Que belíssimas cenas
De destruição
Não teremos mais problemas
Com a superpopulação...*



Aqui o autor construiu uma ironia ao dizer que, com a guerra, vêem-se cenas belas de destruição, quando não há como um país arrasado pela guerra ser belo. Além disso, a ironia de que com a guerra não se tem mais problemas com a superlotação, querendo dizer das milhares de pessoas que perdem a vida nas guerras.

Exemplo 04:

A música Índios diz:

*Quem me dera
Ao menos uma vez
Esquecer que acreditei
Que era por brincadeira
Que se cortava sempre
Um pano-de-chão
De linho nobre e pura seda.*

Mais uma vez o autor constrói uma ironia ao dizer “que se cortava sempre um pano-de-chão de linho nobre e pura seda”. Ninguém corta pano-de-chão de tecidos tão nobres como os ditos na canção. Assim, o autor ironiza a elite, com os poucos “super-ricos” do país que muitas vezes não se importam com os problemas sociais.

4 Considerações Finais

Ao encerrar a análise a que este trabalho se propôs percebe-se que o estudo da Pragmática é bastante relevante para o campo da Comunicação. A partir dos estudos pragmáticos entende-se que o que importa não é o que se quis dizer, mas sim tentar captar as intencionalidades do que foi dito.

Os trabalhos de estudiosos como Bahktin, Grice, Austin e outros pesquisadores desta área de conhecimento, que é a Pragmática, contribui significativamente para a formação do comunicólogo. Em se tratando do uso da linguagem, a Pragmática nos ensina a pensar e interpretar os enunciados que efetivamente são produzidos num contexto e interlocutores determinados.

5 Referências Bibliográficas

KOCH; I. G. V. **A Interação pela Linguagem**. 10 ed. São Paulo: CONTEXTO, 2006.



FIORIN; J.L.(Org) **Introdução à Lingüística**. 5 ed. São Paulo: CONTEXTO, 2006.

MARCONDES; D. **Desfazendo mitos sobre a Pragmática**. Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n1_Danilo.pdf. Acesso em: 18 dez. 2007.

Discurso e Pragmática. Disponível em: <http://br.geocities.com/grupo10b/Discpragma.htm>. Acesso em 18 dez. 2007.

GOLDNADEL; M. **O Princípio da cooperação e as máximas conversacionais**. Disponível em: [http://72.14.205.104/search?q=cache:b7RVFTHO1ZIJ:www.comunica.unisinos.br/professores/marcos/arquivos/O Princípio da Cooperacao e as Maximas Conversacionais.doc+m%C3%A1ximas+conversacionais+grice&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br](http://72.14.205.104/search?q=cache:b7RVFTHO1ZIJ:www.comunica.unisinos.br/professores/marcos/arquivos/O+Principio+da+Cooperacao+e+as+Maximas+Conversacionais.doc+m%C3%A1ximas+conversacionais+grice&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br). Acesso em: 18 dez. 2007.

GIACOMELLI; K. **Lingüística da Enunciação: um campo a ser disciplinarizado**. Disponível em: <http://64.233.169.104/search?q=cache:38FpEtWRO4oJ:www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/linguistica-de-enunciacao-1762.pdf%3FQSSESSID%3Da38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c+teoria+da+enuncia%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>. Acesso em 19 dez. 2007.

VIZEU; A. **Considerações sobre a audiência presumida**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=266DAC003>. Acesso em: 19 dez. 2007;

LEGIÃO URBANA. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/92/>. Acesso em: 28/03/2008.